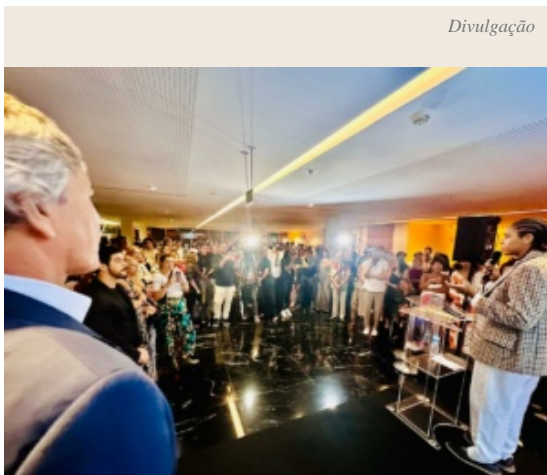


FGV ensina como falar de inclusão sem incitar resistências

O discurso identitário tem um problema sério: o discurso. O proselitismo cheio de adjetivos e a pegada melodramática provocam resistências. Em especial nos bolsões em que não se compreende, racionalmente, o quanto o desequilíbrio social afeta toda a população — e não apenas os grupos discriminados.

A **Fundação Getúlio Vargas**, com o seu braço mais cultural — a **FGV Arte** —, está ensinando como fazer para falar de inclusão de forma eficiente, poética, atraente e divertida até, sem perder a dramaticidade que a abordagem impõe.

Trata-se da Exposição “**Afro Brasilidade, homenagem a dois Valentins e a um Emanuel**”, em cartaz na Praia do Botafogo, 190, no Rio de Janeiro. Como disse um dos curadores da mostra, o pesquisador **Paulo Herkenhoff**: “O desavisado pode achar que o objeto aqui é arte apenas; mas estamos tratando de direitos. Porque tudo é Direito”.



Divulgação

João Victor Guimarães fala na abertura da exposição

O também curador **João Victor Guimarães** define as afro-brasilidades como dois mundos forjados. Culturas “cada vez mais percebidas como cosmos em si”. Ambas “forjadas a partir das experiências nas diásporas africanas”.

No dizer de Herkenhoff, adicionando “lugar de escuta ao lugar de fala, uma reivindicação de artistas e vozes afrodescendentes sobre seu direito de expressar suas condições históricas, contemporâneas, sociais e pessoais”.

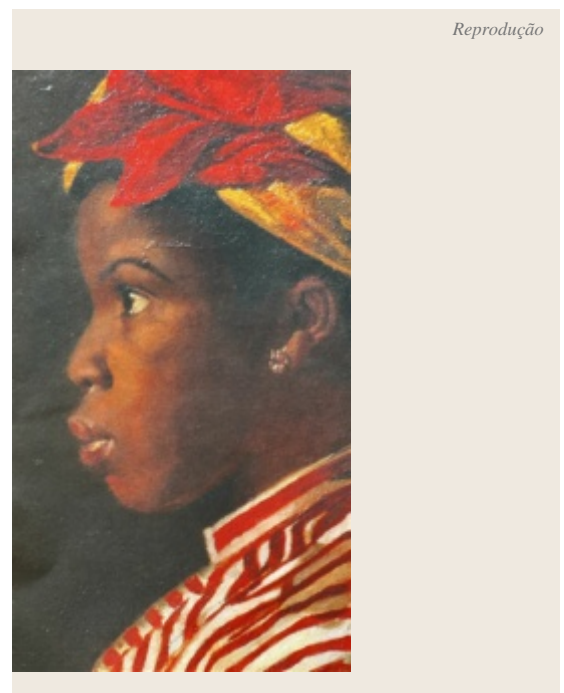
A exposição passeia por séculos de pinturas, esculturas e fotografias sobre a condição do negro no Brasil.

Empresta voz a artistas jamais expostos fora de seus locais de origem — sem negligenciar gigantes da arte colonial como **Aleijadinho**, **Mestre Valentim** e **Mestre Athaide**, das Minas Gerais, e **Heitor dos Prazeres**.

Christian Cravo



Reprodução



Reprodução

A beleza e o bom gosto das obras selecionadas dão à galeria montada na FGV ambientação amistosa, alegre e levemente intelectual. O diretor de cena da exposição, **Sidnei Gonzales**, soube temperar a abertura da mostra. Conectou a sisudez de quadros históricos de **Modesto Brocos** e **Antonio Ferrigno** com fotos de **Walter Firmo** e **Christian Cravo** e a maior revelação do samba moderno: **Mosquito**, apelido de **Pedro Assad Medeiros Torres**, herdeiro legítimo de Zeca Pagodinho. A interpretação de sua composição “**Verso Ligeiro**” sintetiza o espírito da mostra e é candidata aos anais dos melhores sambas brasileiros.

A exposição permanece na galeria da FGV até 10 de agosto. Vale a pena.

Visitação

A exposição é gratuita e conta com uma programação educacional gratuita, incluindo palestras, minicursos, seminários e oficinas.

— Terça a sexta, das 10h às 20h, sábado e domingo, das 10h às 18h

Fonte: <https://conjur.jumps.com.br/2025-abr-12/fgv-ensina-como-falar-de-inclusao-sem-incitar-resistencia/>



A atriz Zezé Motta